

## A moralidade dos juizes da Boa Hora

Se uma sociedade, como esta que sofremos, necessitasse para viver de ser coerente com as leis que a regem e de possuir a relativa moralidade que elas determinam, há muito que sua sepultura estaria aberta. E seria ainda a magistratura quem lhe apressaria a morte.

Os juizes incorreram, há muito, na alçada da lei. Se fossem julgados, a sua exoneração seria certa e a sua entrada na cadeia mereceria ser classificada como um acto de elemental justiça. Os homens da Boa Hora deviam despir a toga negra de que se tornaram indignos, mesmo perante a moral burguesa, e envergar os trajes dos reclusos da Penitenciária.

Quem desconhecendo Lisboa mirar de relance a Boa Hora concluiu logo que aquela «casa de justiça» é um antro de podridões, um museu de inmundícies e um campo de cultura de parasitas. Dum ambiente tão imundo não podem brotar consciências limpidas e actos dignos. O que se passou em torno dos presos que ultimamente para lá foram remetidos? Confirma plenamente as nossas asserções.

Os homens que sete longos meses se tuberculizaram nas esquadras e que ontem compareceram perante os magistrados, ladeados de soldados da G. N. R., são acusados dum delicto formidável: pertencerem a uma associação de malfeteiros.

Tu sabes o que é uma associação de malfeteiros, burguês timorato e cobarde? Prepara-te para seres atacado dos maiores receios! Uma associação de malfeteiros é um agrupamento de homens que com um dispêrso cínico e uma audácia inultrapassável se coloca à margem das leis e investe ousadamente contra a sociedade. A associação de malfeteiros não respeita nem o direito da propriedade nem as vidas dos proprietários. Essas associações de malfeteiros vivem do que roubam e assassinam quem de perto ou de longe constitui um obstáculo à sua acção perversa e criminal. Enquanto esse bando de malfeteiros andar à solta ninguém tem a certeza de chegar a casa com vida ou de não viver sob ameaças terríveis.

Foi assim que se considerou os homens que foram pronunciados na Boa Hora, foi assim que se considerou os homens que Vitorino Godinho, orientado apenas pelas informações dum chefe de polícia imoral e estúpido, deportou para a Guiné.

Como se compreende, então, que lhes fôsse arbitrária uma fiança de 50 contos? Então, com o depósito de alguns milhares de escudos, esses homens deixavam de ser perigosos e já podiam andar livremente pelas ruas?

E que faziam esses miseráveis do respeito pelas vidas e pela propriedade dos burgueses? Os 50 contos tornavam esses homens inofensivos, incapazes dum gesto ilegal e dum acto de violência homicida.

Pode conceber-se critério mais absurdo?

\*\*\*

Como se compreende que uns tenham de ser deportados, saltando-se para isso por cima de todas as leis e de todos os princípios de humanidade, e outros possam andar à solta, mediante a importância de 50 contos? E' uma mudança de tratamento que espanta pela sua incoerência e que brada aos céus pela sua flagrante injustiça.

E' fácil extrair a conclusão que ressalta de todas estas enormidades. A associação de malfeteiros é uma invenção — e uma invenção idiota. Todos eles — polícias, magistrados e governos — estão convencidos de que é impossível apresentar-se em tribunal as provas da existência dessa famigerada associação. Todos eles estão convencidos de que as prisões e as deportações não chegam a ser um acto de justiça de classe para serem unicamente uma vingança de cobardes e impotentes.

Uma sociedade que procede assim está moralmente falida!

## Associação de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes

A todos os sindicatos operários do país se notifica que a Associação de Classe dos Cortadores, fundada em 1894, revogou os seus estatutos passando a denominar-se Associação de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes, com sede na rua da Mouraria, 27, para onde deve ser enviada toda a correspondência.

## CARTA DE ESPANHA

### Um crime impune em Barcelona porque aproveitou a um industrial

Barcelona, 26 de Novembro. — Um feroz «somatenista» cometeu um crime de homicídio contra dois sindicalistas, que trabalhavam numa fábrica desta cidade. A imprensa burguesa procurou atenuar, em relatos parciais, a hediondez deste crime, sendo favorecida no seu ignóbil intento pelas más circunstâncias sociais que flagelam o operariado.

Pretegne-se, com a cumplicidade da imprensa burguesa, garantir a impunidade do monstruoso crime, praticado por um miserável acobertado pelo patrão da fábrica, que usa o nome de António Casanovas.

Não nos alongaremos em detalhar o relato do crime. O industrial Folch possui uma fábrica de gelo, situada no bairro do Pueblo Nuevo. Nessa fábrica distribuíram-se, há cerca de um ano, umas folhas clandestinas que protestavam subversivamente contra a guerra. Foi preso, por suspeita, um operário, chamado Jaime Vizarro, o qual havia sido denunciado pelo Casanovas.

A prisão levantou calorosos protestos em todos os operários da fábrica, distinguindo-se nestes Joaquim Gil e António Serrati. Decorreram meses sem mais incidentes, até que Jaime Vizarro foi submetido a julgamento e condenado, por influência do sr. Folch e por manobras do Casanovas, a dois anos de prisão por delito de propaganda sediciosa.

Devido a tamanha iniquidade, recrudesciu o ódio que os operários da fábrica Folch sentiam pelo «somatenista» Casanovas. Em dado momento, apareceram nas bancas de trabalho várias folhas clandestinas pondo a claro a amoralidade do miserável. Desta vez, a suspeita recaiu sobre os operários Gil e Serrati, e esta suspeita foi a origem do bárbaro crime. Eis o relato singelo dos factos.

A imprensa burguesa de Barcelona procura, agora, salvar o homicida Casanovas de toda a responsabilidade e afastar também a suspeita que possa recair no industrial Folch, apontando o crime como tendo sido praticado por um louco. A prova de loucura é pretensamente fundamentada numa pequena nota, habilmente engendrada, que se diz ter sido encontrada pela porteira e estar assinada pelo assassino. Nessa nota faz-se constar que Casanovas estava decidido a liquidar todos os sindicalistas, não lhe faltando, para o intento... masculina coragem.

Com este insignificante documento se procura afirmar a «loucura» do Casanovas. Oculta-se, porém, que este «somatenista» propôs a prática de assassinatos contra sindicalistas a um seu amigo, «somatenista» também. A aceitar-se o critério acima exposto, ter-se-á de procurar outro louco... Mas ninguém, de bom senso, acredita que dois loucos possam premeditar crimes.

Como pode um louco tomar tão lúcidas e seguentes disposições? O industrial da fábrica fez declarações favoráveis ao assassino: como se prova, pois, a loucura do Casanovas?

Já se fala mesmo na liberdade do criminoso, mediante fiança de 20.000 pesetas.

Ainda que a fiança fosse de todas as pesetas de Espanha, não se poderia admitir a liberdade de um louco sanguinário. Afinal, o que está certo é que Casanovas foi o braço executor da sanha burguesa.

Os jornais pretendem, porém, provar publicamente a irresponsabilidade do «somatenista». Antes de conseguirem efectivar este intento, vimos nós denunciá-lo aos trabalhadores, que sabem bem como os burgueses procuram eliminar aqueles que os incomodam.

Desidério DURBAN

## Um gesto irónico de Lloyd George?

Há dias, nos corredores da Câmara dos Comuns, em Inglaterra, correu o boato, de veras singular, de ter o sr. Lloyd George oferecido ao Partido Trabalhista os fundos e os jornais de que dispõe. Afirmava-se igualmente que o Partido Trabalhista recusara a vantajosa oferta, não sabemos se por respeito à penúria das classes operárias, neste momento em luta contra a redução dos salários.

Contudo, se bem que o sr. Mac-Donald o desmentia, fala-se persistentemente num bloco esquerdista que será formado pelos liberais do sr. Lloyd George e pelos trabalhistas do mesmo sr. Mac-Donald.

Alguma coisa há. Por exemplo: o sr. Mac-Donald, num discurso que pronunciou ultimamente em Northampton, convidou os liberais a ingressarem no Partido Trabalhista para nele cumprirem melhor o seu programa... Por seu turno, a imprensa liberal prevê sem contradição uma próxima aliança dos liberais com os trabalhistas ou a fusão de vários organismos liberais com determinadas fracções do Partido Trabalhista.

A confirmar esta atitude vem o grande quotidiano liberal *Daily News* protestar contra o premeditado intento do sr. Lloyd George e de outros chefes liberais.

## A propósito da repressão aos insolentes transcreve-se um libidinoso versículo da Bíblia

Revolta-nos tão profundamente a maneira estúpida porque se está a fazer a repressão da linguagem desbragada e das atitudes imorais que por aí há, que não podemos deixar de, em desabafo, comparar situações idênticas, pensamentos torpes e quadros repugnantes porque toda a gente passa sem reclamar a repressão das autoridades.

E' ainda aos livros sagrados, à Bíblia, que recorremos porque ela nos dá farta colheita de imoralidades para apresentar aos illustres repressores das inmundícies vomitadas por criaturas a quem a falta de educação religiosa leva a tanto desafêro...

Já aqui dissemos há dias que achamos repugnante a linguagem que a cada passo para aí ouvimos empregar e que por ser fêto de uma causa imoral, a falta de instrução, devia ser combatida à outrance por todos os que presam a boa saúde do espírito. Isto, porém, não nos dá o direito de aplaudir a repressão estúpida feita por criaturas que sem raciocínio nem competência se lançam a multar aqueles que prevaricam falando despejadamente.

Andam as autoridades (?) repressoras numa roda viva em busca de livros, revistas e gravuras obscenas, e a sua fúria de repressão tem ido até à apreensão de livros que essas autoridades julgam imorais e que não são afinal mais do que autênticos espelhos que, bem ou mal, reflectem actos da nossa humana existência, que todos conhecem e sentem mas que uma convenção estúpida afasta da luz clara do Sol.

Pois bem! Nós garantimos, sem receio de que nos desmintam, que a Bíblia não é, em algumas das suas páginas, menos asquerosa do que muitas das publicações a que os zelosos repressores têm deitado mão. Vejase, como amostra, este versículo repugnante que o livro sagrado a quem todos nós devemos o maior respeito insere no Capítulo 20.º do Levítico:

«Aquele que dormir com macho abusando dele como se fôra fêmea, ambos cometeram coisa execrável, morram de morte: o seu sangue recae sobre eles.»

E é esta estúpida inmundície que, além de não ter sido ainda motivo de multa ou repressão, pelo contrário entra em todos os lares honestos onde a graça de Deus derrama os seus eternos benefícios e bênçãos! E limitamo-nos a chamar inmundície ao quadro que o livro sagrado nos apresenta, porque, a examiná-lo sob o ponto de vista do castigo dado ao repugnante atentado, teríamos de o classificar mais duramente, pois julgamos ainda mais criminoso a feroz repressão das autoridades celestiais do que das terrenas... Lá nos céus não há meias medidas. A sentença mais vulgar que os textos sagrados nos apresentam em centenas de casos é o — morte de morte!

Havemos de dar-nos um dia à pavorra de contar o número de assassínios que a Bíblia nos relata. Temos a certeza que por ordem divina foram feitas mais liquidações do que aquelas que os nossos amigos da ordem nos apresentam como feitas na Rússia...

Mas isto não vai a matar. A Bíblia é grande e merece maior divulgação ainda. Ela contém tão vergonhosas cenas, tão ferozes castigos, tão libidinosos quadros que parece impossível que tenham passado despercebidos às nossas perspicazes capacidades policiais...

Ou haverá subórno do engenheiro máximo?

Um ATEU

## PERSEGUIÇÕES

### A sessão de hoje na sede do Sindicato do Mobiliário

Promovida pelos sindicatos do Mobiliário e dos Manufatureiros de Calçado, realiza-se hoje, às 21 horas, na travessa da Agua de Flor, 16, uma sessão de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada, devendo fazer uso da palavra vários militantes dos organismos promotores e delegados da C. G. T. e C. S. do Trabalho.

A comissão administrativa do Sindicato do Mobiliário convida o proletariado da indústria a comparecer a esta reunião.

### No Núcleo da Juventude Sindicalista

Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 20,30 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e continuação de prisões de operários sem culpa formada. Envia delegados a esta sessão a C. G. T., Câmara Sindical do Trabalho, I.ª Comissão pró-regresso dos deportados e Federação das Juventudes Sindicalistas.

### Uma sessão no Alto do Pina

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina realiza-se hoje, pelas 20 horas, uma importante sessão na secção da construção civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, onde será apreciada a situação dos deportados e dos operários que se encontram nas esquadras há mais de 6 meses. Nesta sessão usarão da palavra delegados da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, Comissão pró-regresso dos deportados e Núcleo da Juventudes Sindicalista de Lisboa.

### Comissão Pró-regresso dos deportados

Esta comissão, além doutros assuntos de carácter reservado, nomeou delegados às seguintes sessões de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada que se realizam hoje:

No Núcleo da Juventude Sindicalista, Alfredo Lopes e José Romero; Nos Sindicatos Unico Mobiliário e Manufatureiros de Calçado, Alexandre Assis e José Augusto; Na sessão promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina, Jaime Tiago e Alfredo Mar-

## Notas & Comentários

### Uma tempestade...

Após a sessão solene comemorativa do aniversário do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha houve um copo de água onde quasi todos os que comeram — comeram e disseram mal da C. G. T. e da Batalha. Morder numa sanduíche é muito mais fácil e profícuo e a isso se deviam ter limitado os convívios. Escusavam de ter inutilmente desencadeado sobre nós aquela tempestade de impropérios — aquela tempestade num copo de água...

### Procedimento Inqualificável

Em Cezimbra, segundo a narrativa dum amigo deste jornal, um empregado no comércio furtou do estabelecimento onde era empregado alguns géneros, o que determinou a sua captura por praças da G. N. R. Até aqui ainda se compreende a intervenção da guarda republicana, não sucedendo o mesmo no procedimento posterior desta para com o detido, ao qual nos vamos referir.

Depois do delinqüente ter dado entrada no posto algumas praças da G. N. R. obrigaram o desgraçado a conduzir o furto e a correr todos os estabelecimentos exibindo-se e aos objectos de que se tinha apoderado sem licença indevidamente. Não satisfeitos com este triste espectáculo, as praças da G. N. R. removeram novamente para o posto o preso e ali sovaram-no selvaticamente, proeza de que são seiores e vazeiros.

Para um país democrático é bem significativo o inqualificável procedimento das praças da G. N. R. de Cezimbra...

### Simples mudança de indumentária...

A notícia mais sensacional do dia de ontem, foi a queda do Directório espanhol. Nos cafés, nos grandes centros de cavaco chegou a avarer-se a hipótese dum rápida mudança na política espanhola, mudança que levaria ao exílio Afonso XIII.

Afinal, com espanto duns e com pesar doutros, houve na política do país vizinho apenas uma mudança de indumentária. Primo de Rivera que era presidente do Directório demitiu-se daquele cargo e elegeu-se presidente do ministério. Martínez Anido que era sub-secretário do Interior elegeu-se ministro do Interior. Nas outras postas — ou pastas se quiserem — houve uma simples mudança de designações. A ditadura espanhola subsistirá com as mesmas personagens que tripudiarão sobre todas as liberdades, sobre as mais elementares normas do direito. E' o que de positivo houve em Espanha.

### «Junkers»

O gigantesco avião «Junkers» continua a maravilhar o lisboeta com os seus admiráveis vãos. Sobre Lisboa, além dos representantes da imprensa e de gente do teatro, voaram também alguns vultos políticos para observarem as asneiras que cometem cá em baixo. Na passada terça-feira cruzou o espaço o sr. António Maria da Silva que, ao passar sobre o Terreiro do Paço, exclamou: «Todos os políticos da nossa terra deviam voar para verem as coisas de mais alto...» Acreditamos. Foi o primeiro acto de contrição do sinistro político, pela sua obra de administração. Mas esse acto durou apenas o tempo que durou a sua permanência no espaço.

Ontem também o sr. Ferreira do Amaral voou sobre Lisboa. O comandante da policia, à guisa de piada inglesa, disse a bordo: «Agora é que os legionários me vêem ir pelos ares». Nós também voámos. E a 500 metros de altura, quando avistámos o solo, atormentou-nos a ideia de que haja espíritos tão pequenos que não reconheçam que a época dos grandes vãos não é factível ao regresso a um regime de arbitrio.

## Uma «blague» do sr. Tchitcherine, subtil diplomata russo

Atravessado rapidamente o norte da Europa, o comissário dos negócios estrangeiros, sr. Tchitcherine, chegou a Paris, em ar de mistério. Logo apear-se a cumprimentá-lo um grupo de comunistas, que notaram no rosto do grande diplomata uns acentuados sinais de fadiga. Felizmente, o sr. Tchitcherine vai descansar algum tempo no mais famoso recanto da França — a Côte d'Azur, o que não podem fazer os operários russos. Um redactor da «Humanité» quiz saber do sr. Tchitcherine os fins da sua vinda a Paris, obtendo esta sorridente resposta: — Bem deve compreender que nada tenho a dizer, desde que, em Paris, apenas desço de um comboio para ficar esperando o comboio imediato. Quando eu regressar, porém, conversarei gostosamente...

E, em seguida a esta «blague» tão cheia de subtilidade, o sr. Tchitcherine foi «visitar» o sr. Briand, que é ministro de negócios estrangeiros em França. Dias depois, a França entregava ao governo russo a esquadra de Wrangel e a Rússia atenuava «um pouco» a sua intransigência na questão das dividas contraídas pelo antigo império. Apenas, enquanto esperava pelo comboio, o grande diplomata russo obteve um ruidoso triunfo...

## EM FRANÇA

### Briand na Câmara dos Deputados

PARIS, 3.º — O sr. Briand leu da tribuna da Câmara dos Deputados a declaração ministerial já conhecida, sendo muito aplaudido pelas esquerdas com excepção dos socialistas e comunistas.

De algumas bancadas do centro o chefe do governo ouviu também aplausos. A passagem da declaração relativa ao acordo de Locarno provocou da parte dos radicais entusiásticos aplausos, o mesmo sucedendo no capítulo respeitante ao escrutínio por distritos.

Na Associação dos Tanoeiros, Alberto Monteiro e Eduardo Ortiz.

E' necessário que todas estas sessões sejam concorridas de molde a que da sua realização resultem benefícios para as vítimas que se encontram a ferros da república.

## Em Africa têm sido condenados negros a enforcarem-se por suas próprias mãos

Que não somos escravistas afirmam a cada passo os nossos bons patriotas e a grande imprensa o confirma nos seus numerosos artigos recheados dos mais sentidos aplausos à nossa obra de colonização, tão notável pela sua... falta de existência.

Todos o afirmam, muitos o confirmam. Mas... a cada passo por aí se ouvem afirmações, que saindo dos mesmos que negam o nosso escravismo, vem afinal confirmar aquela acusação que estrategicamente nos fazem as nações que se preparam para palmar territórios que lhes agradam e a que dariam, força é confessá-lo, um desenvolvimento muito mais intenso do que aquele que em mãos dos «patriotas» esses territórios têm sido.

Uma das afirmações a que nos referimos é aquela que fazem tanta vez os que para gosarem uma vida fácil de mando, passaram em Africa os dias vergastando sem piedade desenas de negros só porque um deles praticou qualquer acção a que o civilizado, na sua educação cheia de preconceitos e convenções, chama criminosas. E' vulgar ouvir a esses tiranos mandões a declaração perentória de que o negro nada faz sem medo ao chicote. Que se não fossem os necessários exemplos a que hipocritamente se dizem obrigados, ninguém seguraria o preto, que em brave nos subjugaria num meio que ele conhece a palmas e onde a natureza o protege e defende com carinho de verdadeira mãe.

\*\*\*

Ouvimos em tempos a um soldado de Africa narrar, numa linguagem cheia de incoerência a que a educação caseirinha punha laivos de criminosa alegria, um exemplo que um sargento da sua companhia tinha dado a uma tribu, não sabemos de que região de Angola.

Dias antes o referido sargento, ao vergastar um pobre negro por um crime (?) qualquer, tinha-lhe surpreendido um gesto de revolta, talvez um arremesso de raiva mal contida. O caso, por ser excepcional, merecia exemplar castigo e esse não se fez esperar. Era por ocasião da grande guerra e nesses tempos... não se limpam armas...

A tribu a que pertencia o terrível criminoso foi convocada. Chefe e negros teriam de comparecer para aprenderem como o branco fazia a justiça. A' hora do julgamento o criminoso e mais dois negros foram separados do resto da tribu e aos seus pescocões lançada a corda com nó corrédo que tão bem conhecem os que por Africa têm passado. O sargento deu ordens ao chefe da tribu e este, no gesto indiferente do negro categorizado, ordenou que os justicados trepassem aos grossos troncos de uma árvore próxima e depois de amarradas as cordas se lançassem no espaço...

para que a justiça do branco se fizesse. Este episódio tão simples como tenebroso afigura-se-nos um conto da carochinha — a nós que nunca assistimos a coisas desta natureza nem vimos sequer matar ninguém.

Repugna-nos acreditar em tanta crueldade aliada a tanta hipocrisia!

Mas, na Africa estiveram muitos soldados da grande guerra... Porque não falam eles? Porque não haverá dentre eles algum ou alguns que queiram dizer-nos algo da crueldade do civilizado entre os selvagens?

Tão longe terá chegado a nefasta educação caseirinha que lhes apague da memória as cenas horribles que por lá viram? Falai soldados que ainda sois homens!

## Henri Barbusse foi agredido por fascistas

O conhecido escritor revolucionário francês Henri Barbusse anda fazendo uma viagem pela Europa oriental. Em Bucareste, capital da Roménia, realizou uma conferência perante uma numerosa assistência de operários. A' saída, Barbusse foi atacado e agredido, subitamente, por um grupo de estudantes partidários do fascismo. O escritor, seriamente ferido com armas contundentes, foi perseguido até o seu hotel pelos agressores, que gritavam: «abaixo o judeu Barbusse!» A policia não interveiu e a agressão foi insinuada pela campanha da imprensa contra aquele escritor, sob a complacência do governo roménico. Barbusse saiu de Bucareste, no dia seguinte, com destino a Constantinopla.

## EFEITOS DUM DECRETO

### A carne de carneiro sobe hoje de preço

Com o pedido de publicação, que gostosamente fazemos, foi-nos enviada a seguinte nota:

«A Associação de Classe dos Trabalhadores de Carnes Verdes, tendo conhecimento de que a partir de hoje a carne de carneiro passará a custar mais um escudo em ouro, lava, por este meio, o seu mais veemente protesto e notifica ao público que para o aumento ser geral todos os fornecedores se conluíam dentro do Mercado Geral de Gados.»

## CARTA DO PORTO

### Paralelo entre o que é o esquerdismo francês e o que virá a ser o português

Não se pode negar que o proletariado francês não esteja num estado de cultura mais desenvolvida do que o povo lusitano. Por via de regra também não se pode desmentir o facto de em França existir uma grandiosa corrente de revolucionarismo mais ou menos compreendido.

Paris tem sido, através dos tempos, considerada a cidade da Luz, a cidade ebulição para a marcha segura do progresso das ideias — cadinho dos princípios, berço da Revolução... Aqui, pois, não se pode ocultar a proeminência de um esquerdismo e falta-nos o argumento, «a portuguesa», de que ele é superior ao estado mental do povo franco.

Entre nós tem-se salientado o perigo do lisonjamento das multidões, exaltando-a ao rubro dos seus direitos sob as promessas messiánicas das realizações governamentais. Não se diz às massas populares que o ser esquerdista verdadeiro existe no seu próprio esforço directo concatenado solidariamente na sua organização sindicalista revolucionária. Por efeitos de concorrência partidária, o socialismo português afasta-se daquela doutrina e proclama mui simplesmente o perigo da exacerbação das paixões populares, mercê da sua desgraçada incultura...

Pois bem: No país de Napoleão, na cidade ideal da Comuna de 1871, o Bloco das Esquerdas, erigido em frente do reaccionário Bloco Nacional, não recou o lisonjamento das massas e precipitou-se na conquista das suas atenções: para atrair, deslumbrar as multidões sequias de justiça, o Bloco das Esquerdas, de que fazem parte os dirigentes socialistas, prometeu, não somente fazer pagar a burguesia, mas fazer uma política de paz e uma política operária...

Foi aos gritos proferidos pelos herriotistas e radicais-socialistas: *Les riches doivent payer!* — uma imitação da antiga e despretada fórmula republicana portuguesa: *o povo não pode nem deve pagar mais, os ricos é que devem pagar tudo* — que Poincaré foi derrubado.

O povo francês lisonjeado, sobretudo o parisiense, para cujo estado de mentalidade adiantado o esquerdismo radical e radical socialista não é demasiado, fiou-se nas cantigas e dedicou-lhe o sacrifício do voto.

Segundo um jornal comunista de Paris, uma parte da grande massa crede ainda nas soluções parlamentares; a ele sofre, mas espera. Uma maioria parlamentar, um governo decidido, uma aplicação rigorosa da lei, parece-lhe ainda meios suficientes para fazer render a burguesia, os tubarões da indústria e da finança...

A-pesar do estado de mentalidade do povo francês ser muito diferente do estado de atraso em que se encontra o proletariado português, a-pesar das muitas dezenas de deputados «scartelistas» saídos dos partidos radicais e radicais-socialistas, auxiliados até pelos reformistas da velha C. G. T., que trairu os seus primitivos princípios; a-pesar, pois, de todo este «esquerdismo» à altura do estado desenvolvido em que se encontra a intelectualidade do povo francês — o Bloco das Esquerdas, os governos de Herriot e Painlevé, a acção parlamentar dos radicais e dos socialistas, resultaram nulos: ainda são os abutres da finança e da indústria os «verdadeiros donos do governo» e dos aparelhos do Estado. O povo não sabe, que tão esperançado estava nas soluções da democracia radical-socialista, *prélèvement sur le capital*, vi agora reconhecendo, ainda que paulatinamente, que há-de ser ele o único a pagar, com língua de palmo, os 700 bilhões da dívida interior e exterior contraída pela politica burguesa-imperialista do Estado francês.

As experiências acabam de demonstrar que a burguesia não se deixa assim facilmente expropriar só pelo simples processo da lei e do lóbro parlamentar — por muito radicais e socialistas que sejam. A burguesia francesa, como os nossos novos-ricos da policia, da industria e da finança têm feito, foi desviando parte dos seus capitais para o estrangeiro. E mais desviariam se o tal Bloco das Esquerdas, no qual enfileiravam os socialistas, não tivesse falhado nas suas promessas que que exaltou as paixões das massas ávidas dum futuro melhor.

Os únicos resultados práticos foram estes: o ateamato da guerra de Marrocos e do Djebel-Druse. A perseguição dos avançados pelo Bloco das Esquerdas. O agravamento, desde Maio de 1924, do índice do custo da vida. A caça nas oficinas e a expulsão do território francês de centenas de militantes estrangeiros. Os cercos, os espancamentos, as detenções e as condenações sem prova de centenas de militantes franceses. Enfim, uma série de perseguições aos elementos avançados por um lado, e pelo outro uma certa tolerância para os camelots do rei.

Eis no que dá um «esquerdismo socialista» inferior à mentalidade do povo dum cidade faroladora das grandes princípios de reivindicação humana — esquerdismo, aliás, que os nossos socialistas têm decantado, a-pesar-de se arrumarem no conservantismo do P. R. P., com receio do «extremismo» da esquerda democrática.

É isto, porém, que dizer que abandonemos o esquerdismo? Isto quereria tão somente significar que devemos propagar, não o esquerdismo dominguista, por muito Herriot e Painlevé que ele possa ser, não o esquerdismo social-democrático, por muito Blum ou Paul-Boncour, ou mesmo Jouhaux que se nos apresente — mas o verdadeiro esquerdismo da organização sindicalista da acção directa, da acção revolucionária e libertária que preconiza a expropriação universal do capitalismo e a abolição do Estado e do Salariato — o autêntico *prélèvement sur le capital*.

C. V. S.











## A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

# O operariado começa a movimentar-se para prestar todo o auxílio aos heroicos corticeiros em greve

### Comunicados da greve

De Messines, Barreiro, Odemira, Castelo Branco, Setúbal, Póvo do Bispo, Seixal, Amora, Alhos Vedros e São Tiago do Cacém, chegaram-nos comunicados em que os grevistas corticeiros se afirmam na melhor das disposições de persistir na luta até que os industriais abdicarem da sua injustificada e criminosa pretensão de reduzir os salários.

Em Silves, os grevistas reuniram para apreciar a marcha do movimento, sendo escalpelada duramente a atitude dos industriais, resolvendo-se persistir na luta, não só para não consentir nova baixa de salários como para reivindicar os 10% que foram retirados em Outubro p. p., visto que o custo da vida vai subindo. Nesta localidade, como o produto de duas festas realizadas pelo Grupo Dramático em Portimão, organizou-se uma cozinha para auxílio dos filhos dos grevistas, resolvendo estes apelar para todos os que queiram e possam enviar-lhes donativos para manutenção da cozinha. Os grevistas protestam contra o facto de uns burlões sem escrúpulos andarem com umas listas falsas a angariar receita em nome dos corticeiros em greve, aconselhando toda a gente a que trate com dignidade esses refinados mandões.

Também resolveram negar de futuro toda a espécie de solidariedade a todos os corticeiros que não sejam solidários nesta luta.

Em Sines, reuniram os grevistas para se inteirar do decorrer da greve sendo unanimemente em prosseguir a luta contra a pretendida baixa de salários, tanto mais que os rigores do inverno e a alta do custo da vida já se fazem sentir. Mais resolveram protestar contra o auxílio que o governo está dispensando aos industriais no sentido de esmagar os que lutam por mais pão, lançando sobre uns e outros todas as responsabilidades do que possa surgir desta teimosia dos donos das indústrias. Apreciamos o facto de um tal Francisco Pimenta, quadrador, um desgraçado aleijado física e moralmente, se prestar a servir os desígnios do industrial Francisco Bigas, encarnação inimiga dos operários.

Em Aldega, apesar do incorrecto e traçoireiro procedimento dos descarregados de mar e terra, a greve prossegue com coesão e firmeza, tendo-se realizado um comício público onde foi exposta a razão que assiste aos grevistas e exposta a atitude desumana dos industriais.

Em Belém a greve prossegue sem esmorecimentos, devendo realizar-se hoje uma grande sessão pública, pelas 19 horas.

Para essa sessão que se realizará na rua Paulo da Gama, 6, e a que assistirão delegados da Federação Corticeira, C. S. T. L. e C. G. T., foi distribuído um manifesto que diz assim:

«Aldreiam, mentirosamente os industriais, para levarem a água ao seu moinho, que a situação péssima que a indústria atravessa é que os força a reduzir os salários...»

Nos, porém, afirmamos, altivamente, que a indústria corticeira tem, nos últimos tempos, obtido maiores facilidades para o seu funcionamento, do que qualquer outra indústria. E para corroborarmos esta nossa afirmação, diremos—sem recarmos desmentidos—que a matéria prima custa hoje menos 50 000 do que custava há um ano.

Junte-se a isto, que já é alguma coisa, a redução de 10 000 nos salários, que já sofremos em outubro, e ainda a abolição do imposto de exportação de rólhas há pouco decretado e conclui-se, sem grande esforço, que só a ambição desmedida dos industriais, aliada a uma vergonhosa ausência de escrúpulos, os levou a arremeter de novo com os salários!

Proletários:—Hoje por nós, amanhã por vós!

Acompanhai-nos espiritualmente nesta luta que também é vossa, que também é dos vossos filhos.

Também as comissões administrativas das secções da Construção Civil e Metalúrgica convidam todos os operários daquela área a comparecer à sessão.

### NOTA DO COMITÉ

Camaradas: As provas de abnegação e de resistência prestadas por estes 12.000 homens, nas cinco semanas já decorridas, são-nos garantia duma vitória bem merecida. A maldade dos industriais, conluídos na Associação Industrial Portuguesa e superiormente inspirados por essa caverna de exploração e de desordem, contou com o elemento fême para nos fazer curvar vencidos e cobardes aos pés dos verdugos de nossas famílias. Enganaram-se! A miséria assolou-nos, é certo, mas longe de fazer-nos fraquejar, mais nos exacerbou e nos revoltou contra aqueles a quem, num trabalho exaustivo, tivemos dado o fausto e a abundância em que vivem.

E' que nós temos uma arma poderosa a opor aos desígnios esmagadores desses senhores—a resistência filha da razão que possuímos; e contamos com uma outra arma que nos é cedida pelos nossos irmãos da grande família proletária a que pertencemos—a solidariedade.

Camaradas:—O apelo lançado pela nossa Federação vai produzindo apreciáveis efeitos. Não estamos sós. A solidariedade do operariado que está interessado no desiderato da nossa luta começa a fazer-se sentir. Confiamos, pois, em que a nossa resistência alentada pela solidariedade que nos é prestada nos guiará a vitória.

Que todos os corticeiros saibam incutir animo aos seus entes queridos e comportar-se de forma a não merecer o labeu infamante de traidor!

Que a solidariedade entre nós corresponda às demonstrações de carinho produzidas pela Federação Ferroviária, que chamou por nós a atenção de todos os ferroviários do país, e pelo S. U. do Mobilário de Lisboa, que nos oferece todo o apoio moral e material, e pela restante organização operária que também se vai manifestando.

Joga-se neste momento uma cartada difícil: Os maiores da indústria jogam a vida dos pequenos industriais e todos em conjunto jogam a nossa vida.

Que eles se arruinem entre si, não im-

porta. Por nosso lado, atendendo a que a luta é a vida, lutemos para viver!

### Um sentido apelo da Federação Ferroviária

A Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias vem de enviar a todos os sindicatos ferroviários do país a seguinte exortação:

### A todos os sindicatos ferroviários Solidariedade aos corticeiros!

12.000 trabalhadores corticeiros, formando como que a guarda avançada da classe operária, na resistência a manter pela defesa dos salários conquistados através de mil sacrifícios, os quais não suportam as tremendas onerações da vida actual, lutam já há mais dum mês com as maiores necessidades, numas condições desproporcionais sem dúvida, e por isso mesmo, sob o ponto de vista material, mas duma elevada grandeza moral.

Estes 12.000 operários que num gesto altivo de indignação se insurgiram contra o desejo dos seus exploradores, em lhes quererem reduzir os exiguos jornais que auferem, reivindicando os seus direitos e de suas proles, simultaneamente estão defendendo os interesses do restante operariado, enfrentando a tentativa da baixa de salários.

E esta greve, além de todas as características, que possui, não pode deixar de ser analisada sob este aspecto.

Que os sindicatos ferroviários existentes se esforcem por conseguir das classes que representam o máximo da solidariedade para que os referidos camaradas se mantenham em luta até à vitória.

São pelo menos 50.000 entes que neste momento e devido à ganância do industrialismo rapace, sofrem as aguras duras luta digna, justa e heroica!

Prestemo-lhes, pois, toda a nossa solidariedade moral e monetária.—A Comissão Executiva.

### Um imponente comício no Barreiro

BARREIRO, 3.—O comício foi imponente. O amplo salão da casa dos ferroviários do Sul e Sueste encontrava-se literalmente cheio e as mulheres, como sempre, apresentaram-se em número regular, dando realce ao grandioso acto de solidariedade operária, como que imprimindo mais fé aos valentes camaradas corticeiros que tão digna e alegramente se mantêm nesta luta titânica contra o industrialismo.

Preside ao comício Domingos Pablo, secretário por José Rosinha e Jorge Migueis.

Usa da palavra, em primeiro lugar, Jorge Migueis, corticeiro. Com voz clara e com argumento conciso, o orador principia por afirmar que os industriais da corticeira lançam a classe nesta luta para a esmagar. Está, porém, convencido que este gesto criminoso não é apenas obra dos industriais corticeiros: é uma obra da patronal, de todo o patronato. Principiam pela classe corticeira e se esta baqueasse esse facto era suficiente para o patronato prosseguir na extorsão às restantes classes operárias. História o que tem sido a luta dos corticeiros desde antes do presente movimento. Tendo a classe já aceite uma redução os industriais acharam que melhor poderiam conseguir uma segunda redução. Mas enganam-se, porque a classe corticeira prefere morrer a consentir em mais este crime.

Francisco Fernandes Pata fala em nome da Federação Corticeira. Todos sabem—diz—a orientação traçada pela federação de indústria. Quando do movimento de Maio a classe lutou durante 7 semanas. Então os industriais alegavam que não podiam atender à reclamação de aumento de salário. Então os operários acederam em transigir. Era uma situação em que as oscilações bancárias tornavam instáveis as condições da indústria. Alegam agora os industriais que, em virtude dessas oscilações cambiais, perderam muito dinheiro. O que, porém, não dizem são os lucros e as fortunas que fizeram à custa da miséria da classe. O orador dirige-se agora aos assistentes estranhos à indústria, dirigindo-lhe palavras repassadas de sentimento, mas enérgicas, incisivas, convincentes.

Diz o que tem sido a luta da classe, em todas as localidades e através de todos os tempos, desde que a classe está organizada. Pergunta se haverá direito de uma classe com um passado de tão gloriosas lutas, aceder, além do mais, a uma imoralidade como é aquela que os industriais querem impor agora, pretendendo arrancar-lhe muito do pouco que ela tem auferido e que mal lhe tem chegado para manter os filhos na miséria. A Federação, através de todos os sacrifícios manterá o espírito de resistência necessário para que a luta desta importante classe seja vitoriosa.

Mas apela para todas as classes a fim de que estas mantenham um espírito de solidariedade compatível com as necessidades da luta.

Adriano Pimenta, um novo cheio de vida, diz que é a classe corticeira que está em greve contra os industriais mas estes contra os corticeiros. Quando os industriais quiseram fazer o seu jogo com a situação cambial empurraram a classe para a greve; agora foram eles que fizeram greve contra a classe para lhe reduzir os salários. Sempre o criminoso intuito de esmagar, seja qual for a forma, a classe, que tem que defender o seu direito à vida; lançada pelo tempo que for necessário até que os industriais se convencerem de que os corticeiros ainda não são uma classe subjugada. Está convencido, porém, que esta luta se deve a uns tantos industriais, os potentados, que possuindo fábricas em Portugal, também possuem outras em Espanha, França, etc. Os restantes são meros átomos agregados àqueles que tudo movem para satisfação dos seus caprichos e sede de lucros.

O que eles desejam é esmagar a classe agora, a fim de a poder conservar cabida e humilhada no futuro. Refere-se às condições do desenvolvimento técnico da indústria, tão precárias e inferiores que as fábricas estrangeiras fazem à indústria nacional uma competência mortal. Este é outro crime, aliás sancionado pelos governantes, que para nada se preocupam com a intensificação industrial como aumento da própria riqueza nacional. Termina por fazer um caloroso apelo às restantes classes para que saibam cumprir o seu dever de solidariedade nesta luta, como condição de vitória de todos os trabalhadores.

Gregório Matos limita-se a poucas palavras. A situação em que os industriais colocaram a classe é só própria de quem não tem sentimentos humanos. Reporta-se às referências que o orador antecedeu fez aos potentados da indústria, e afirma que todos eles constituem o cancro roedor e venenoso da classe. Faz a biografia de alguns para demonstrar o seu nenhum valor moral.

Quasi todos nada possuem e hoje dispõem de milhares de contos, depositados em bancos estrangeiros, fortunas feitas à custa da fome e da miséria dos trabalhadores, que, andrajosos e famintos, morrem à mingua. É esta situação que força a classe a não transigir de maneira alguma. E isso fará, porque conta com o poderoso auxílio da classe trabalhadora, uma vez que a causa é de todos.

António José Piloto, dos ferroviários do Sul e Sueste está também, como todos os seus camaradas, ao lado da valente classe corticeira. Estamos numa hora—diz—em que os traficantes pretendem vender as colónias como venderam a frota marítima, numa hora em que o fascismo pretende estender as suas hostes a Portugal, como ainda há pouco apareceu um homem que pretende instituir a pena de morte, quando, por outro lado enviam presos para insólitas paragens africanas—e apesar de tudo isto não faltam desgraçados que na urna fôsem depositar um quadrilátero de papel depositando poderes descredenciados naqueles que amanhã hão de manter o mesmo estado de coisas que infelicitam a classe trabalhadora. Refere-se aos presos por questões sociais e a um quadro doloroso a que em Lisboa, à porta do tribunal da Boa Hora, acabava de assistir, quando alguns deles, entre a força armada até aos dentes, entraram naquela antro, descendo do fatídico carro celular como se se tratasse de verdadeiros malfetores. E protesta com energia, dizendo que não sabe o que será melhor: se subire ao patíbulo, se se arremessarem para a Guiné, onde se morre lentamente.

Entrando propriamente no assunto, o orador recorda, em frases repassadas do sentimento que lhe é peculiar, as vicissitudes da classe corticeira. Esta não dispõe, nem de pautas nem de bancos. A alta ciganagem fez um pacto contra os corticeiros e se este pactuou a redução de salário, todas as classes, incluindo a ferroviária, teria que sujeitar-se à redução que lhes quisessem impor.

Se se consentir no esmagamento da classe corticeira será o mesmo que todas as classes deixarem-se esmagar a si próprias.

Alvaro Rosa diz que não é só a classe corticeira que luta com a tentativa de redução de salários. São todas as classes. Refere que, enquanto se pretende reduzir os salários dos trabalhadores, ao exército são aumentados os vencimentos. Procede-se assim exactamente para que a tropa esteja sempre ao lado do Estado e do capitalismo contra a massa que trabalha e sofre. Refere-se a outras classes que também lutam pelo mesmo motivo e esta situação não pode manter-se e para isso é necessário fazer recuar o industrialismo na sua criminosa obra de roubo à classe operária.

M. J. de Sousa, pela C. G. T. diz que este organismo já em 1921 enviou aos organismos, confederados ou não, uma circular, avisando-os do golpe que o capitalismo preparava e que consistia tanto em aumentar as horas de trabalho como em reduzir o salário—circular que era uma prevenção contra os maneios patronais que se desenhavam através da imprensa burguesa, como consequência de resoluções das conferências internacionais das forças burguesas.

Dessas conferências apenas transpira o que convém à diplomacia capitalista e a obra da reacção política, trágicamente demonstrada em alguns países, não é senão a ressaltante dos planos traçados no xadrez da vida económica.

Há quem pense que a revolução surgirá dum estado de excessiva miséria. Mas o capitalismo organizado sabe muito bem que quanto maior for a miséria, menos energia há para a revolta. O *chômage* e a redução de salários não obedecem só a motivos de crise que a concorrência industrial possa determinar na vida económica das nações em concorrência: obedece também ao plano de enfraquecimento das energias activas do proletariado, para que este esqueça e não empregue actividade alguma na verdadeira obra de transformação social.

Cumpra ao proletariado esforçar-se por conhecer os fundamentos verdadeiros dos tenebrosos planos da burguesia nacional e internacional para os contrariar. É a primeira obra neste momento, a mais urgente, a mais necessária é prestar todo o auxílio às classes em luta contra a redução de salários, como condição do triunfo sobre o capitalismo por toda a classe trabalhadora.

No final foram aprovados os seguintes documentos:

Considerando que há 33 dias os operários corticeiros se encontram em luta contra as pretensões dos industriais corticeiros por lhes quererem baixar mais os salários; considerando que aos mesmos assiste a absoluta razão, pois se verifica que a maioria dos operários corticeiros não auferem salários suficientes para enfrentar a carestia da vida;

considerando, por último, que todas as classes proletárias têm o dever moral de prestar toda a solidariedade moral e material aos corticeiros em greve; o povo trabalhador do Barreiro, reunido em comício

## Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

### Rendimentos dos operários na Rússia

Analisando os documentos provenientes do Conselho Intersindical de Moscou, as informações sociais noticiam que o orçamento familiar de um operário é o seguinte: As receitas mensais das famílias operárias foram subdivididas em a) as do chefe de família as quais atingem 75,5% do total; b) as dos demais membros da família 14,2% e c) as receitas diversas—empréstimos, créditos, donativos—que representam 10,3%.

Verifica-se que os empréstimos constituem uma fonte muito importante das receitas mensais do operário.

Entre as despesas, as cotizações sindicais e os pagamentos às organizações comunistas representam 3,6%, enquanto que as somas consagradas à educação das crianças e à instrução pessoal alcançam apenas 0,6%.

### Portugal citado nas publicações da R. I. T.

O número das *Informations Sociales* relativo a 16 de Novembro insere as conclusões, aprovadas, das teses discutidas no Congresso Confederal de Santarém, assim como as deliberações das Conferências Operárias da Construção Civil e dos Trabalhadores da Indústria Têxtil. É a primeira vez que em publicações da Repartição Internacional do Trabalho há larga notícia referente ao associativismo português.

### Conferências internacionais em 1926

No dia 25 de maio próximo, reúne em Genebra, a oitava sessão da Conferência Internacional do Trabalho, tendo para ordem dos trabalhos o estudo das simplificações susceptíveis de aplicação à inspecção dos emigrantes a bordo, discussão do relatório anual de Albert Thomas e qualquer questão urgente sobre problemas sociais.

Para ordem do dia da nona sessão—que se realizará em 1.º de Junho—está marcada a codificação internacional das regras referentes ao contrato de engajamento dos marítimos e princípios gerais de inspecção do trabalho dos homens do mar.

Tratando de emigração, a Repartição pens contribuir para a solução dos problemas sociais os mais importantes do momento actual cujo regulamento é mister para todos os países.

Desde 1919 as organizações dos marítimos chamaram a atenção da Conferência da Paz para as condições do trabalho. Na conferência de Génova, em 1920, tratou-se pela primeira vez da questão iniciando-se os trabalhos para elaboração do Estatuto Internacional dos Marítimos. Desses trabalhos—elaborados com a colaboração dos marítimos e armadores—resultou o projecto agora submetido à discussão.

Corresponde aos desejos manifestados pelos homens do mar, o estudo a realizar sobre a inspecção do seu trabalho.

### SAUDAÇÃO

Proponho para que sejam saudados os bravos lutadores corticeiros de todo o país, saudação esta que traduzirá a mais leal e estreita solidariedade do povo trabalhador do Barreiro.—António José Piloto.

Antes de se encerrar o comício foi comunicado que o alfaiate sr. Brito, da rua Aguiar se prontificou desde já a tomar conta de uma ou duas crianças.—E.

### Marceneiros da casa Manuel Figueira

Reuniu a comissão de resistência do Sindicato Único do Mobilário com o pessoal da manufatura Manuel Figueira, ficando resolvido entre ambos que fosse reclamado aquele industrial o salário reclamado pelo respectivo sindicato.

### Uma exortação do Sindicato Metalúrgico de Lisboa aos operários desta indústria

Ante a aterradora crise que flagela a classe, não pode esta ficar inerte sem que sofra a exploração desenfreada do capitalismo. Espreitando todos os nossos movimentos, ele procura dar o salto tigrino que nos agrava mais ainda a vil condição de assalariados. Para que se obste a tal pretensão do capitalismo, é necessário que nos envolvamos numa luta contra o patronato e crise de trabalho. Portanto, que todos os metalúrgicos acorram à sessão magna que se realiza na próxima terça-feira, pelas 20 horas, na sede do sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º.

Mais se convide o pessoal das diferentes oficinas metalúrgicas a nomearem delegados a uma reunião dos mesmos, que terá lugar na próxima quarta-feira, 9, pelas 20 horas.

### CONFERÊNCIAS

### A vida política e social na Rússia

O director técnico da Escola-Oficina n.º 1, sr. Cesar Porto, regressado há pouco da Rússia onde foi em missão de estudo como delegado da Associação dos Professores de Portugal, realiza depois de amanhã às 16 horas em ponto, na sede daquele estabelecimento de ensino, ao largo da Graça, 58, uma conferência sobre «a vida política e social da Rússia actual».

## Como uns singelos artigos conseguem ruborizar os Oliveiras da Fábrica Nacional de Vidros

Os srs. Oliveiras, com os três escritos consecutivos, estão sobressaltados.

Deitaram fora a placidez de espírito que lhes é tão peculiar, para vomitarem improperios contra o suposto articulista que não teve dó de ir quebrar o soco a um pobre velho que suga o Estado e vive à custa da miséria dos seus companheiros de trabalho.

E então, o velho deu largas à sua imaginação, formou hipóteses sobre quem seria a pessoa que com tanto desassombro vinha a público dizer a verdade.

Poz imediatamente em acção a sua polícia para averiguar quem o atacava a fim de o reduzir ao silêncio, com ameaças.

Como viu que era impotente para tal, deu-se em chamar difamadores da Fábrica Nacional aos que a ela se têm referido neste jornal.

Decididamente que eram ladrões, pois que só ladrões poderiam ter conhecimento de tanta marteira.

Só ladrões podiam estar de posse do «dossier» que lhes descobre as façanhas. Inconscientemente que não podiam deixar de ser indivíduos que têm tomado sagudo a «Nacional».

Eram ladrões, porque diziam verdades. E não trataram os dois «arcanjos» de desmentirem, somente de caluniar o articulista.

Não se importaram que fosse ou não verdade. Não deram para o lado de poder ser criatura que, farta de ver desmandos, tanta patifaria, tomasse a resolução de vir à estacada!

Não formaram a hipótese de poder ser qualquer pára, prejudicado com os favores de que são alvos os srs. Oliveiras!

Não se aventuraram a supor que talvez fosse criatura que muito presa a «Nacional» e os seus empregados e por isso não quer ver tão explorados, nem tão pouco a fábrica almejar de sugadores, de mentirosos da pior espécie.

Como desconhecem quem escreve, chamam ladrões àqueles que defendem a «Nacional».

Nós que não temos um lugar arbitrário na Escola Industrial, como professores duma disciplina que não existe; nós que não somos lapidários, que não fazemos senão olhar para os moscas, nós que não ocleremos ao director da «Nacional» uma garrafa que lapidamos às horas de serviço e, por consequência, não nos pertence; nós que temos uma mentora, não nos vemos guiados pelos altos postos do mando; nós que não somos tesoureiros, é que somos os ladrões da Nacional! Tartufos!

Se objectassem aos srs. Oliveira qualquer coisa ainda se notava que eram réus, que lançavam maldade do único e fraco remédio, que as criaturas, nestas emergências, têm por uso tomar.

Mas não, Caluniaram-nos!

Estão culpados, não resta a menor dúvida.

Se não tivessem qualquer coisa a pesarlhes na consciência, receberiam a notícia do nosso ataque muito friamente, tratando de evitar que mais mentiras podessem pôr em cheque a ombridade de quem escreve.

Mas, como tímidos e ambiciosos quando surpreendidos, de volta da presa, que não arrenham senão as fauces, os srs. Oliveiras não lançaram mão de uma justificação, por muito banal que fosse: — cuspiam-nos, babujaram-nos.

Os srs. Oliveiras não sabem quem somos?

Somos as suas vítimas. Somos aqueles que por mais de uma vez têm sofrido as consequências das vossas pífidas mentiras. Somos os que nos vemos sem trabalho, sem ordenado, enquanto os senhores disfrutam uma bela situação! Somos os que estamos vergados ao peso de tanto sacrifício em prol da «Nacional», enquanto os senhores têm tudo quanto querem dentro da mesma. Somos os que estamos em crise, enquanto os senhores recebem, sempre, sem interrupções. Somos aqueles que não queremos deixar cometer mais outro crime sem que os leitores da *Batalha* o saibam!

Agora que já sabeis quem somos ficai certos que não estamos no terminus do nosso ataque.

Podeis continuar a comer, poderá a «Nacional», a pouco e pouco, ir metendo água, e implicitamente caminhando para a ruína, mas o que é certo, é que não fareis isso sem o nosso veemente protesto!

Não nos enganamos quando afirmamos que iríamos arrancar do seu quietismo os srs. Oliveiras. Estes senhores, ao terem conhecimento de que a *Batalha* os atacava, surpreenderam-se muito, mas disseram que não a liam porque não era um jornal digno.

Pelo contrário, o operariado de Marinha Grande tem disputado o órgão dos trabalhadores, entusiasmados a valer com a campanha contra os herdeiros de Stefens.

Em boa verdade, os srs. Oliveiras não são lá muito dignos de figurarem nestas colunas.

E' que não lhes encontramos a importância que estultamente julgam ter.

Se trazemos os seus nomes para aqui, é simplesmente porque não queremos que, à sombra da miséria de tanto chefe de família, dois descarados estejam a encerrar a «Nacional».

Por hoje apenas lhes lembraremos que somos—Uma vitima.

### FESTAS ASSOCIATIVAS

### Carpinteiros Civis

A Secção Profissional dos Carpinteiros Civis de Lisboa, tendo sido forçada a adiar a sua festa, que devia realizar-se no passado dia 29, deliberou realizá-la definitivamente no dia 13 de Dezembro com o seguinte programa: Sessão solene, às 12 horas, seguida de «matinée» e diversas variedades, abrangeada por duas bandas de música. Às 20 horas, uma palestra pelo camarada Santos Arranha, sob o tema «A Associação». A entrada é livre.

Recebe-se brindes para abrandar a festa, encontrando-se já em exposição alguns oferecidos por diversas classes.

### Assinar

### Os Mistérios do Povo

## Vida Sindical

### C. G. T. Comité Confederal

Reúne amanhã pelas 21 horas, para assuntos de inadiável resolução.

### COMUNICAÇÕES

**Compositores tipográficos.**—Aviaram-se todos os sócios deste sindicato que deviam mais de 8 cotas (dois meses) de que se não tiverem entrado com o seu débito até ao próximo dia 15 serão eliminados.

—O número de sócios é actualmente de 545.

—O saldo do mês de Outubro foi de 8.440\$05, assim distribuídos: em cofre, 322\$39; pró-sede 8.117\$66.

—A direcção ocupou-se ontem do facto de em algumas oficinas se pretender reduzir os salários.

**Tanoeiros.**—Reuniu a assembleia geral deste sindicato, sob a presidência de Serafim Aranha, secretário por António Costa e António Parâmes Junior.

Aberta a sessão Faustino Ferreira, membro da direcção, expõe à assembleia os motivos que levaram a direcção a convocar a sessão—questão da exportação para as colónias e as transferências dos dinheiros das mesmas.

Condema a forma como o Banco Nacional Ultramarino está procedendo, pois exige 75 % de transferências que impossibilita por completo os exportadores de vinhos a continuarem a exportar para as colónias.

Lembra a necessidade de a classe se manifestar contra este tão grave problema e lembra a conveniência do caso ser tratado pela federação, uma vez que não são só os tanoeiros prejudicados, mas também os mecânicos em madeira no ramo de tanoaria, e trabalhadores de armazéns de vinhos. Lê a cópia dum ofício que a Federação vai enviar ao ministro das colónias caso a classe assim o entenda.

Falam sobre o assunto vários camaradas, todos de opinião que a Federação tome conta do caso. Foi aprovado que o ofício seja enviado ao ministro.

Aprecia-se a atitude do camarada Fialho em virtude de estar atirando as resoluções tomadas pela classe.

Sobre este assunto manifestaram-se vários camaradas, todos unânimes em que o assunto fique para ser tratado numa reunião mais numerosa em virtude da gravidade que lhe apresenta.

**S. O. Metalúrgica—Secção do Poço do Bispo.**—Convida todos os metalúrgicos desta área a assistir à reunião de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada, na sede dos Tanoeiros, rua de Marvila, pelas 20,30 horas.

**S. U. Mobilário.**—Não se tendo realizado ontem a assembleia por falta de número, fica a mesma adiada para a próxima terça-feira.

### CONVOCAÇÕES

**Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.**—O secretário às 18,30 horas.

**S. U. Mobilário.**—A comissão de resistência juntamente com o pessoal da casa Manuel Figueiras, às 18 horas.

**Federação Metalúrgica.**—Pelas 21 horas, o Conselho Federal, para tratar de um assunto de máxima importância para a organização metalúrgica.

**Litógrafos e Anexos.**—A comissão administrativa deste sindicato convida todo o pessoal litográfico da Casa Mata, pelas 20 horas, a fim de tratar de um assunto do máximo interesse para este pessoal.

**Pintores de Construção Naval e Anexos.**—A comissão administrativa, pelas 20 prelições, para assunto urgente.

**Sindicato Único da Construção Civil—Comissão do Salão.**—Para apreciar um assunto de importância e resolver o caminho a seguir, às 21 horas.

### JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Núcleo de Lisboa—Secção do Alto do Pina.**—Reúne-se amanhã, pelas 20 horas, a comissão reorganizadora.

## SOLIDARIEDADE

### No Grupo Dramático «Os